

PAULO CARMONA



PEDRO BRINCA

Ensinar quando a resposta é grátis

PEDRO BRINCA

A inteligência artificial já há muito que entrou pelos auditórios das universidades. Mas ainda compreendemos pouco sobre o impacto que tem sobre a pedagogia. No inquérito do MIT, com 1.632 respostas e uma taxa de resposta de 12%, 44% usam o ChatGPT frequentemente ou muito frequentemente. Noutro, 60% dizem que a IA os torna mais eficientes, mas 39% consideram-na imprevisível e só 21% fiável. A ferramenta poupa tempo; na universidade, esse pode ser o tempo necessário para aprender.

O relatório chama-lhe "luta produtiva": tentar, falhar, perceber o erro e voltar ao problema. Dois "working papers" recentes, ainda sem revisão pelos pares, mostram porquê. Num ensaio de Sining Wang e coautores em cadeiras de contabilidade e microeconomia, dar a solução por IA subiu 16% o resultado dos exercícios, mas não o do teste seguinte sem apoio. Num ensaio de Sebastian Gallegos no Chile, orientar a IA para tutor melhorou o exame final. O momento em que a ferramenta entra faz diferença: depois de pensar, não antes.

Proibir tudo é tão preguiçoso como permitir tudo. O MIT propõe quatro opções por cadeira ou trabalho: uso livre, apoio limitado, uso obrigatório ou proibição, sempre com uma razão ligada ao que se quer ensinar. E troca a caça ao plágio por avaliação que exige presença: orais, portefólios e trabalhos feitos em casa, mas discutidos na aula. Os detetores erram e envenenam a relação entre professor e aluno. Esta mudança também não poupa dinheiro: pede mais tempo do professor, assistentes, salas e talvez turmas menores.

Yoshua Bengio lembra que sistemas treinados para agradar ao avaliador podem preferir uma resposta convincente a uma resposta verdadeira. Por isso, literacia de IA não é dominar prompts. É confirmar citações, refazer contas, explicar o raciocínio e responder pelo resultado. A avaliação deve incidir mais no método e na abordagem, generalizáveis e aplicáveis fora da universidade, e menos na memorização e repetição de resultados.

Se a universidade avaliar apenas o produto final, a máquina torna-se um atalho irresistível. A resposta ficou barata. Aprender continua a dar trabalho. Convém que a universidade não se esqueça disso. ■

"O processo da educação é necessariamente uma luta produtiva."

COMISSÃO DO MIT, 2026